

## ALINHAVANDO TRAJES DE CENA: ANÁLISE DA ENTREVISTA COM O ATOR JOSÉ MACIEL

*Sewing costumes: Analyzing José Maciel actor's story*

Vasconcelos, Tainá Macedo; Mestre; Universidade Federal do Amapá,  
tainamacedo@usp.br <sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho é uma análise inicial da entrevista com o ator José Maciel, com o objetivo de compreender as relações existentes entre o traje de cena e a cultura popular. Essa análise servirá como base para a compreensão dessas relações a partir da teoria da árvore do traje.

**Palavras chave:** Traje de cena; cultura popular; entrevista.

**Abstract:** This essay is an initial analysis of the interview with the actor José Maciel, aiming to understand the relationship between the costume design and folk culture. This analysis will be basic to understand these relationships through the theory of the costume tree.

**Keywords:** Costume design; folk culture; interview.

Essa entrevista foi desenvolvida como parte integrante da pesquisa de doutorado que estou realizando, e tem como objetivo geral estudar, a partir da teoria da árvore do traje, o figurino no trabalho do ator nordestino José Maciel, buscando entender a relação entre cultura popular e figurino teatral. Além do método da história oral, será utilizado o acervo documental do ator e da Cia Oxente, e se possível os próprios trajes de cena.

O traje de cena, ou figurino teatral, é entendido como uma subdivisão da roupa civil de acordo com a sistemática dos museus europeus. A teoria da árvore do traje (VIANA, 2014) é um conceito desenvolvido a partir da ideia de *arbor mundi* da professora Elena Vássina, que entende as raízes dessa árvore como a cultura popular, o tronco como a cultura erudita e as folhas e frutos como novas possibilidades para fazer e pensar arte. Dessa forma, a árvore do

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Artes Cênicas, na Universidade de São Paulo. Professora assistente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá. Mestre em Artes, Bacharel e Licenciada em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba.

traje gera um processo cíclico que sempre é renovado, criando uma interseção entre o universo popular e o acadêmico, compartilhando ideias e ações.

Com base nessas teorias, esta pesquisa começa a olhar a história de vida de José Maciel, como ator que tem a experiência da cultura popular e do teatro. O foco é examinar a teoria da árvore do traje, buscando alcançar as raízes desta árvore, como base para as artes cênicas contemporâneas, entendendo que a cultura erudita está entrelaçada pela experiência popular.

A importância deste estudo de caso é destacar as principais relações entre figurino teatral e cultura popular, uma vez que José Maciel é filho de feirantes, e participou de muitas manifestações da cultura popular na Paraíba, como quadrilha junina, escola de samba e outros. O interesse dele pelas artes cênicas surge desta interação com o universo popular, o que o faz buscar por profissionalização como ator. Não é possível apagar as marcas da experiência vivida por ele, ou dissociá-las do processo criativo artístico. Os espetáculos que ele participou sempre trouxeram, de alguma forma, detalhes culturais do nordeste brasileiro, na literatura dramática, na encenação, etc. Na maior parte das montagens, essa característica regional estava clara na estética cênica, que envolve o figurino.

Além do método da história oral, será utilizado o acervo documental do ator e da Cia Oxente, e se possível os próprios trajes de cena. Essa pesquisa ainda está no início, aos poucos tem se desenvolvido e esse trabalho já é parte disso. A escolha pela história oral se deu principalmente pela possibilidade de estar em contato com o sujeito dessa pesquisa, e poder ouvi-lo diretamente. Zeila Demartini (2005) afirma que a história oral é uma abordagem metodológica utilizada como fonte complementar aos documentos disponíveis em outras fontes, e se faz necessário o envolvimento entre pesquisador e objeto/sujeito de estudo. É exatamente sobre essa perspectiva que tenho desenvolvido esse estudo, contando com a abertura e disponibilidade de José Maciel e da Cia Oxente para refletir sobre essas relações através das experiências deles.

Quanto a realização, essa entrevista aconteceu em Campina Grande-PB, no dia 01 de abril de 2017, a noite, após a apresentação do espetáculo

teatral “Anáguas”, que ele mesmo dirigiu. A ocasião era a abertura do Festival Palco Giratório 2017, realizado pelo SESC Paraíba e Departamento Nacional.

O que se segue é uma leitura pessoal desse encontro que foi gravado em áudio e vídeo. A escolha pelo vídeo aconteceu pelo desejo de tornar mais palpável a relação com o entrevistado, e deixar esse encontro marcado. Além de observar gestos que são importantes para relacionar com o traje de cena, como o lugar onde foi amarrado uma roupa, ou um acessório, por exemplo. Para complementar essa análise, foram inseridas imagens de alguns espetáculos citados, que auxiliam no entendimento das colocações feitas pelo entrevistado. A entrevista foi devidamente autorizada em vídeo, e por escrito.

A primeira parte dessa entrevista traz um panorama do início da história de José Maciel, sua relação com a família na cidade de Alagoa Grande, região do brejo paraibano, e o despertar para a cultura popular. O universo da feira esteve presente na sua vida desde a infância, pois o pai dele era vendedor de mangaios<sup>2</sup>, conhecido como loiô das Cebolas. Os pais dele vieram de um lugar chamado por Maciel de Guaribas, e de lá trouxeram a influência de muitas tradições populares, como a moda de viola, os repentes e cordéis.

Algo marcante na infância de Maciel, é a presença da televisão, e o entusiasmo da mãe dele com as novelas e artistas, o que desencadeou em Maciel uma admiração pelas atrizes e por toda a produção televisiva, ao ponto de decorar as datas dos acontecimentos. As novelas e os programas de audiência serviram de inspiração para a brincadeira das crianças na rua, que sempre imitavam os artistas da TV, revivendo as histórias das novelas no quintal das casas.

Essa brincadeira de faz de conta também acontecia com os circos que ao deixarem a cidade, davam lugar ao grupo de crianças, incluindo Maciel, que reuniam objetos de casa, e montavam seu próprio circo no quintal. Reviviam as cenas e organizavam o picadeiro improvisado e o puleiro<sup>3</sup> para os espectadores, este último era feito de sobras de madeira, ou com as tábuas das camas das próprias casas. Nessas brincadeiras, Maciel por ser o menor da

<sup>2</sup> O mangaiheiro é o vendedor de feira livre, que vende artigos diversos, entre comida, fumo, ervas, utilidades para casa, para o vaqueiro, entre outras coisas.

<sup>3</sup> Arquibancada.

turma, era deixado de lado, e colocado sempre como auxiliar nas representações, mas o desejo dele era estar no palco.

Maciel fala de sua mãe, dona Gracinha, com muita inspiração. Fica claro no discurso dele, que ela foi, e ainda é, uma grande incentivadora de suas atividades artísticas e culturais. A cidade de Alagoa Grande é berço de grandes artistas, como Jackson do Pandeiro, e isso trouxe um despertar para as artes naquela região. O teatro Santa Inês é um dos símbolos desse lugar. A mãe de Maciel frequentava e incentivava as pessoas da cidade a irem ao teatro. Sobre a integração dele e dos irmãos com a cultura popular e as artes, Maciel disse:

Ninguém lá em casa disse assim: “você tem essa tradição, você vai participar disso”, como muitas vezes as pessoas acham que devem acontecer nos grupos de manifestações culturais, pra forçar uma identidade cultural, as pessoas acham que o filho tem que segurar o bastão do cavalo marinho de fulano, do mestre, sem se perguntar se de fato eles querem (SILVA, 2017, p.10).

A relação familiar é inerente a cultura popular, e essa imposição de continuidade, na maior parte das vezes surge da sociedade, que espera que o filho siga o caminho do pai, mas nas famílias isso se resolve de maneira diferente, sem necessariamente ser uma obrigação, mas um desejo de permanecer com aquela prática. Maciel tem 06 irmãos, entre eles alguns se interessavam por cultura, mas apenas ele e a irmã mais velha, Jacinta de Lourdes, se tornaram artistas, o que demonstra essa abertura na estrutura familiar, para que cada filho siga o caminho que lhe convier.

A infância de Maciel foi marcada pelo desejo de ser artista. No início, era apenas uma vontade grande de participar das brincadeiras, do faz de conta, mas ao entrar na escola, vieram os desfiles cívicos em comemoração a data 07 de setembro, as quadrilhas juninas, e as gincanas. Entretanto, por ser muito jovem, Maciel foi colocado de lado durante muito tempo, a mãe dele tentou ajudar, falando com as pessoas para que ele fosse incluído nas programações, mas nem sempre isso acontecia. Sobre o desejo de participar, Maciel afirma:

Mas tinha a... dentro de mim, era que o povo estava me vendo, eu lá sabia se a bandeira era isso ou aquilo, eu nunca nem me interessei, eu sabia que tava ali em pé, o povo passava, tirava foto, ficava olhando, e era uma maneira que eu tinha de me exibir, e já era fazer um teatro, já estava ali sem a menor noção, mas aquilo me dava muito prazer (SILVA, 2017, p.10).

Ele já considerava estar fazendo teatro, eram os primeiros passos dessa carreira. O ser observado causava prazer no menino, que no dia 07 de setembro fazia questão de estar na frente, chamando atenção para o desfile da sua escola, ou para a bandeira que ele estava guardando.

Outro aspecto importante da infância de Maciel é a relação com o circo. As crianças da rua se impactavam com todas as visitas dos circos em Alagoa Grande. Maciel por sua vez se mudava para dentro dos circos, e auxiliava nas atividades diárias, e com isso ele aprendeu muito. Circos como “Gran Bartolo Circo”, “O circo mágico japonês” e “O circo Garcia” são referências desse período para Maciel. Para as crianças da vizinhança a brincadeira começava quando o circo ia embora, eles construíam o próprio circo no quintal, e improvisavam tudo de acordo com o que assistiam nas grandes produções. As apresentações contavam com o apresentador do circo, os palhaços e as rumbeiras. Nessa época o primeiro encontro de utilização de figurino se dá de maneira improvisada também, através de roupas das próprias crianças transformadas em trajes para cena. Era comum dobrar as barras dos shorts, para diminuir o comprimento, e usar calças como top, amarrando as pernas sobre os ombros. A construção desses figurinos, tinham a função de quebrar com a ideia de roupas do cotidiano, deslocando as crianças para o campo das artes.

No início da década de 1980, existiam alguns grupos de teatro em Alagoa Grande, eram TEAG (Teatro do Estudante de Alagoa Grande), GRUTAG (Grupo de Teatro de Alagoa Grande) e GTI (Grupo de Teatro Integral). Maciel não fazia parte de nenhum deles, pois os amigos nunca o deixavam participar das cenas, e isso fazia com que ele ajudasse todos os grupos, sempre procurando uma oportunidade para aparecer em cena. Em 1983, acontece o Segundo Congresso da Federação de Teatro Amador, o que

impulsiona a produção artística e teatral em Alagoa Grande. Esse congresso trouxe inúmeros artistas e espetáculos para a cidade de Maciel, além de iniciar a campanha de restauração do Teatro Santa Inês, que estava em ruínas, assim o evento deixa uma marca na cidade, com a luta pela renovação da arte teatral. Após esse congresso, os grupos GRUTAG e GTI decidem criar o movimento Teatro Paó, onde os grupos se reuniam para ensaiar seus espetáculos em uma sede alugada.

Sobre a sua atuação polivalente junto aos grupos da cidade, Maciel diz: 'Isso me deu um norte muito claro pro que eu queria. Sem perceber eu fui me formando em produtor, em diretor, porque era eu que fazia tudo, os outros só fazia atuar, né?!' (SILVA, 2017, p.14) O que indica que desde cedo ele aprendeu a se portar em diferentes áreas da produção teatral, auxiliando com as necessidades do espetáculo. A primeira vez que ele entra em cena, é em 1985, quando Valdenis Brasil vai para Alagoa Grande, dirigir o espetáculo "O Psicanalista", de Lourdes Ramalho. Nessa época, Maciel já viajava de carona para participar de festivais em Campina Grande.

Os concursos de dublagem também fizeram parte do histórico artístico de Maciel. Anterior a ida dele para a capital paraibana, João Pessoa, houve a realização de uma gincana cultural em todo o estado, "Descubra a Paraíba", que tinha como prêmio a circulação de diferentes espetáculos por muitas cidades. Maciel conseguiu entrar na competição com um grupo, que acabou perdendo para outro grupo com atores mais experientes.

Com o passar dos anos, ele acaba chegando na capital, e essa mudança provoca o amadurecimento de Maciel. A Cia Oxente começa a se estruturar com atores advindos de Alagoa Grande e amigos de outras cidades (incluindo João Pessoa). Em 1988, a Cia Oxente participa de um evento organizado pela Fundação Municipal de Cultura de João Pessoa, que tinha como objetivo levar espetáculos teatrais para circular nos bairros da cidade. O grupo monta a "Caravana Cultural Nossa Tribo", idealizada por Misael Batista com a contribuição de todos. O espetáculo era montado a partir de quadros com as coisas que cada um sabia fazer, Maciel ficou com a interpretação de uma das cenas da Valentina Durão, personagem do texto "O Psicanalista", de

Lourdes Ramalho, que ele já conhecia de Campina Grande. Para essa personagem, assim como para o espetáculo, o figurino foi arranjado a partir das roupas e acessórios que os atores traziam de casa. Maciel, por sua vez deu a seguinte ideia:

Eu achei um óculos bem grandão que tinha, peguei uma meia calça branca, botei a parte daqui na cabeça, e as pernas da meia calça eu enrolei assim... aí puxei pra cá, botei pra cá e dava um nó... e ficava aquela senhora com a touca com o cabelo todo na touca, a touca ficava elegante, e quando botava esse óculos, que ele botava a lanterna e ficava só o meu rosto fazendo a Valentina Durão e era uma coisa linda (SILVA, 2017, p. 20).

Logo depois, Maciel fez o primeiro teste como ator para entrar em um espetáculo dirigido por Eliézer Rolim, “Pucumã”. Essa experiência em 1989 marca a entrada de Maciel no cenário teatral profissional na Paraíba, pois ele passa a ser visto como ator. Sobre o figurino desse espetáculo Maciel expõe sobre a beleza e dependência do figurinista Nelson Alexandre, que assim como ele, também estava vindo de Alagoa Grande para a capital:

O figurino desse espetáculo não tinha nada costurado. Nelson foi pegando pedaço de tecido, de... pano de colchão, de... de fazer sofá, de cobrir sofá, e ele foi emendando, as sandálias eram pedaço de pano, tudo era... e se Nelson não viajasse conosco tava ruim, porque a gente não sabia como se vestir (SILVA, 2017, p. 17).

É possível perceber que a construção estética escolhida trazia um pouco do improvisado presente no fazer teatral de Alagoa Grande, através da mistura de materiais e do caráter único apresentado pelas amarrações feitas a cada espetáculo. O personagem que Maciel representava chamava-se Pereba.

Figura 1: Espetáculo "Pucumã"



Fonte: Acervo do ator

Maciel relembra que esse espetáculo foi apresentado na cidade de Alagoa Grande, mas que logo na primeira cena a plateia começou a xingá-lo 'olha o veado filho de loiô, filho da puta' (SILVA, 2017, p. 18). A mãe dele entrevistou e mandou parar com o espetáculo, Dona Gracinha assistiu durante toda a vida o filho ser enxotado do clube da cidade, receber cantadas das pessoas, mas ela nunca desistiu, nem deixou que o filho deixasse de fazer o que gostava, ela só não queria mais que eles se apresentassem na terra de Jackson do Pandeiro, onde muitos outros artistas também foram rejeitados.

Em 1990, a Cia Oxente monta o primeiro espetáculo profissional, "Jogo das Máscaras". A Cia Oxente não tinha espaço físico para ensaiar, nem tempo, os atores se reuniam no final da noite, após o trabalho ou as aulas da universidade, nas calçadas do centro da cidade, nas marquises das lojas, no centro de vivência da universidade, e no trabalho de Maciel, que em seguida foi demitido por esse motivo. É com esse espetáculo que a Cia Oxente ganha espaço na capital paraibana. O figurino tinha a concepção de Nelson Alexandre, mas com a contribuição do grupo. Maciel representava uma governanta com uma saia ampla, drapeada e com um laço, ele sugeriu a utilização do mesmo esquema com a meia calça, para que os atores não precisassem usar peruca, mas Nelson elaborou uma touca que resolveu essa questão. Esse espetáculo viajou por todo o país, e recebeu vários prêmios.



Figura 2: Espetáculo “Jogo das Máscaras”



Fonte: Acervo do ator

Em 1992, a Cia Oxente monta o espetáculo “Paiol de Fogo”. A direção era de Misael Batista, e o figurino era inspirado em grandes referências para o diretor (do papa Paulo VI, a Isadora Duncan, a Monalisa). Com esse espetáculo a Cia Oxente ganhou muitos prêmios em festivais como o de Blumenau, que era de Teatro Universitário.

Em 1995, a Cia Oxente decide montar um espetáculo infantil, “A Batalha da Vírgula Contra o Ponto Final”, texto de Tarcísio Pereira e direção de Edilson Alves, outras atrizes foram convidadas para participar, como Mônica Macedo e Lenita. Nelson Alexandre era o figurinista responsável por esse espetáculo, e ele optou por confeccionar todo o figurino usando o *nylon* acoplado como base, e para as cabeças ele confeccionou perucas de canecalon. Nesse espetáculo Maciel representava a Borracha, personagem inserido por Edilson Alves para dar unidade à encenação. O figurino da borracha limitava um pouco os movimentos, mas mesmo assim, Maciel construiu uma partitura frenética para que o ator não ficasse escondido atrás do figurino, o que trouxe à tona a

experiência de vida dele. Ele afirmou: ‘... aí vem a questão do popular. Né?! Sem perceber, por eu ter brincado muito na rua, de corda, de barra bandeira, de circo, de tudo...isso já estava muito em mim’ (SILVA, 2017, p. 28), ao falar sobre a sua performance com essa personagem.

Figura 3: Espetáculo “A Batalha da Vírgula Contra o Ponto Final”



Fonte: Acervo do ator

A história de vida de Maciel sofre uma grande mudança, quando o mesmo se muda para a cidade de Macapá-AP, e isso faz com que ele acabe se afastando um pouco dos espetáculos produzidos em João Pessoa. Nessa nova cidade, ele se integra a comunidade artística local, participando dos grupos de escolas de samba, dirigindo os seus espetáculos e atuando também.

Nesse intervalo, o novo espetáculo da Cia Oxente começou a ser trabalhado, e Maciel foi convidado para fazer a preparação corporal, o que fazia com que ele visitasse regularmente a Paraíba. “Redemunho” estreou, e Maciel só foi assistir no ano 2000, no Festival de Blumenau. Em uma de suas visitas à Paraíba, enquanto comprava uma rede para levar para Macapá, Maciel e Genário Dunas (ator da Cia Oxente na época), tiveram a seguinte ideia:

Aí eu tive uma ideia, eu fui no mercado de artesanato, que lá no Amapá eu não tinha, e eu fui comprar uma rede e fui comprar manta, desse material de rede. Aí eu olhando disse: “ô Genário essa manta é tão barata, e ó isso aqui é um lençol de casal, eu acho que isso aqui dá mais de uma roupa”, pra baratear Genário disse: “num é que é mesmo, que a gente não tem dinheiro pra fazer o figurino, esse negócio vai dar é certo” (SILVA, 2017, p. 30).

Figura 4: Espetáculo “Redemunho”



Fonte: Acervo do ator

O figurino de “Redemunho” foi desenvolvido por Nelson Alexandre, mas com o argumento inicial de Maciel e Genário, que aproveitaram as precárias condições financeiras e a beleza estética do material para sugerir tal construção.

“Redemunho” fez muito sucesso, e ganhou muitos prêmios também. Em 2003, surgiu a possibilidade de ir para Fortaleza-CE apresentar, mas a produção local queria um espetáculo infantil também. Então, a Cia Oxente decidiu montar “Quem Quiser que Conte Outra”, espetáculo baseado nas brincadeiras populares, que contou com o apoio do Grupo Folclórico do SESC João Pessoa, que doou através do professor Pedro Cândido parte do acervo de figurinos do grupo para a cia Oxente.

Esse espetáculo favoreceu a construção de outra montagem “Da Terra Onde o Sapo Não Canta” que também era uma mistura de quadros e cenas de

outros espetáculos. Em uma oportunidade única, Maciel quando esteve na cidade de Cuiabá-MT para ministrar um curso, foi convidado de última hora para apresentar alguma coisa, e seguindo essa mesma estrutura, ele apresentou trechos de cenas que ele já fazia em outros espetáculos e chamou esse experimento de “Cordéis, repentes e canções”. Outra experiência marcante é a vivência com palhaço, que vem do intercâmbio com atores do grupo Agitada Gang, como Edilson Alves e Mônica Macedo, que compartilharam a arte do clown com Maciel e com a Cia Oxente, e em 2004 também desenvolveram o espetáculo “Palhaços em Festa”, um conjunto de números de circo e palhaço que relembra a infância em Alagoa Grande e a brincadeira de circo no quintal.

Em 2005, o grupo monta “Mulheres de Lourdes”, um espetáculo próximo a linguagem do teatro documentário, trazendo para o público uma mistura de personagens femininas da obra dramaturgica de Lourdes Ramalho.

Em 2006, a Cia Oxente vence o Prêmio Myriam Muniz da FUNARTE, e recebe auxílio financeiro para montar o espetáculo “O Dia em que a Morte Bateu das Botas”, com texto de Saulo Queiroz e direção de Edilson Alves. O figurino é de Nelson Alexandre, e já apresenta as características regionais intrínsecas da Cia Oxente, bem como um melhor acabamento. Nesse espetáculo Maciel representa um suicida que se encontra com a morte.

O último e mais recente trabalho de Maciel como ator é no espetáculo “Visões Sertanejas”, que é um solo escrito e dirigido por Everaldo Vasconcelos. Nesse espetáculo Maciel representa um homem que acabou de se transformar em bode. Ion Pontes é o figurinista que assinou esse projeto. Ao questionar Maciel sobre a construção corporal dessa personagem e a influência do figurino em todo esse processo, ele relatou:

Fui lá em Ion, contei a ele, e ele só olhou pra mim e disse: “já sei o que eu vou fazer, vem aqui amanhã”, aí quando eu fui, ele já tinha desenhado, só que ele já desenhou, ele não desenhou o figurino, ele já desenhou o figurino com a maquiagem com tudo, ele preparou o personagem. Qual foi a vantagem? É que ele costurou a roupa em cima do meu corpo, eu ia na casa dele, ele ia me vestia, ia olhando, ia cortando, ia fazendo as coisas, no outro dia eu ia experimentando, então a roupa foi

praticamente costurada na minha pele. Eu ia lá, ia vestindo, eu ia lá, ia vestindo, ia fazendo. Quando a roupa chega, não teve essa dificuldade, eu tive medo, pela primeira vez eu tive receio do figurino, (...) porque eu fiz tanto ensaio só de sunga, o corpo ficou tão preparado, que eu tinha medo que o figurino... que ele ficasse mais interessante do que o movimento, só que Ion me dizia: “não tenha medo não, que eu vou lhe deixar praticamente nu”, eu disse: “nu como?”, ele “não, nem com a sunga de praia, você vai ficar com a bunda toda de fora, vai ser uma tirinha, um fio dental e as pernas vai ter... o movimento de perna você vai conseguir fazer, mas aqui é tudo nu, os braços vai tá livre, num sei quê (...)” (SILVA, 2017, p. 38).

Maciel, enquanto ator, sempre teve a preocupação de que o figurino não atrapalhasse, ou que fosse evidenciado mais do que o seu trabalho corporal. Em todos os casos ele foi habilidoso para dialogar com as propostas de trajes e com a sua partitura corporal. Essa característica do trabalho dele também é recorrente da experiência com o improviso e com a vontade de chamar atenção, que vem desde a infância.

Figura 05: Espetáculo “Visões Sertanejas”



Fonte: Acervo do ator

### Considerações Finais

Enfim, essa entrevista é só o início dessa pesquisa, existe muito trabalho para ser feito. Será necessário realizar outros momentos de conversa

com Maciel e com outros integrantes da Cia Oxente, pois alguns dados foram omitidos. Nesta entrevista, ele apenas falou dos espetáculos que participou como ator, mas existem outros trabalhos dele como encenador, e que também carregam a regionalidade característica do nordeste brasileiro, principalmente na visualidade cênica. Os figurinistas envolvidos nesse processo também devem ser ouvidos, pois muito têm a contribuir com esse trabalho. Também é importante desenvolver a análise detalhada de cada espetáculo, observando os pontos de convergência com a teoria da árvore do traje. Tenho certeza de que essa história não acaba por aqui, e que muito tem para contribuir com os modos de pensar e fazer teatro e traje de cena no Brasil.

### Referências

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Relatos orais, documentos escritos e imagens**: Fontes complementares na pesquisa sobre imigração. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. História, memória e imagens nas migrações: Abordagens metodológicas. Portugal: Celta Editora, 2005.

SILVA, José Maciel. **José Maciel Silva**: Entrevista [abr. 2017]. Entrevistadora: Tainá Macedo Vasconcelos. Campina Grande. 2017.

VIANA, Fausto; BASSI, Carolina (orgs.). **Traje de cena, traje de folguedo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2014.